NEIL GAIMAN

UM CONTO DE

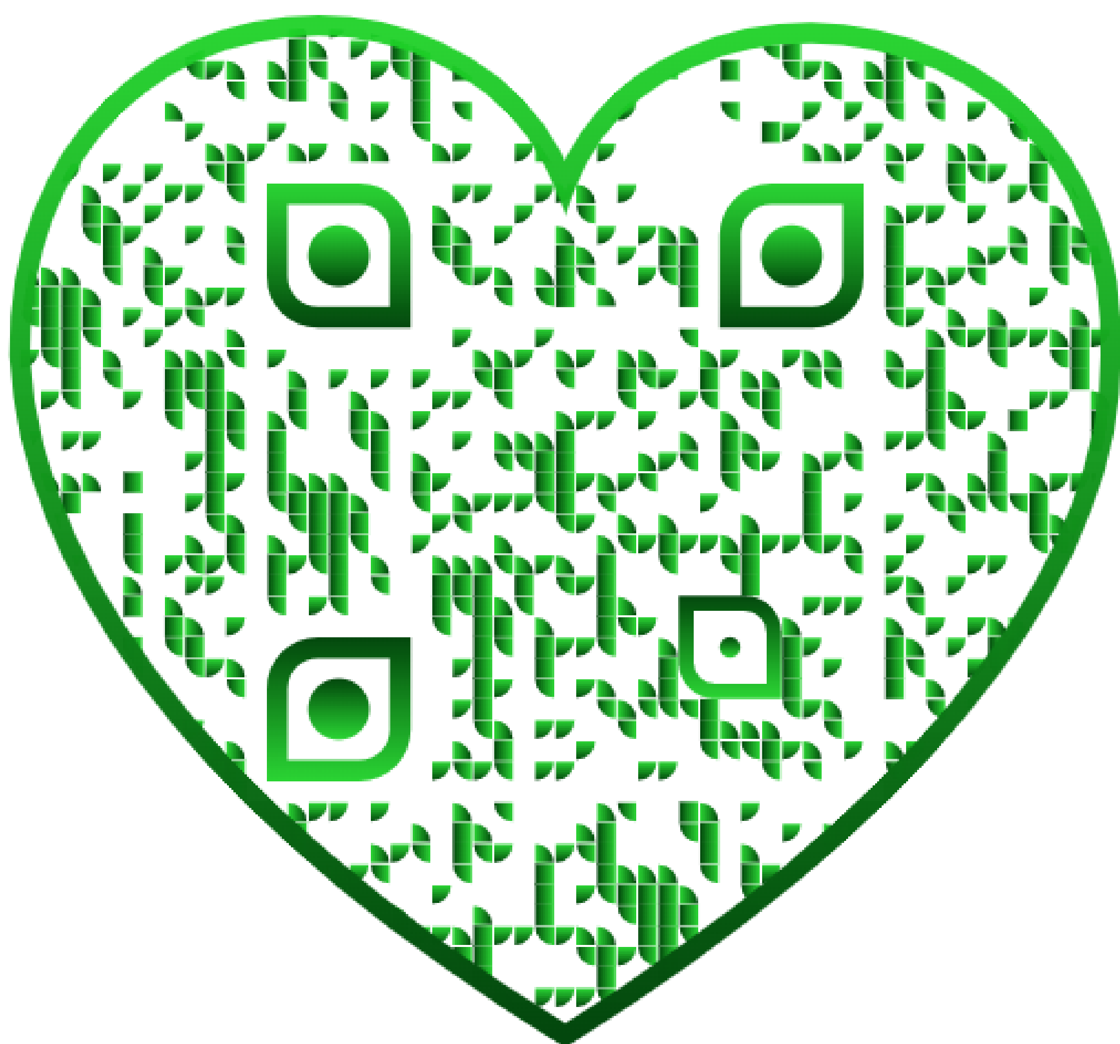
INCLUI TRECHO DE

OCEANO NO FIM DO CAMINHO



COMO FALAR COM AS GAROTAS NAS FESTAS





NEIL

GAIMAN

COMO FALAR COM AS GAROTAS NAS FESTAS

Tradução de
Renata Pettengill



“Como falar com as garotas nas festas” foi publicado originalmente em *Fragile Things*, de Neil Gaiman, publicado por William Morrow, um selo de HarperCollins Publishers, em 2006.

Como falar com as garotas nas festas, copyright © 2006 Neil Gaiman
Trecho de *O oceano no fim do caminho*, copyright © 2013 Neil Gaiman TÍTULO ORIGINAL
How To Talk To Girls At Parties

TRADUÇÃO
Renata Pettengill

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO
Flora Pinheiro

REVISÃO DE EPUB
Ana Celia Fernandes

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-375-6

Edição digital: 2013

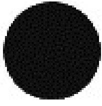
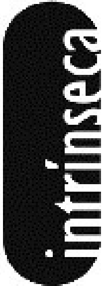
Todos os direitos reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br




You
Tube






intrínseca


Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Como falar com as garotas nas festas
Trecho de O oceano no fim do caminho
- Abertura
- Prólogo
- I
- II

Saiba mais sobre O oceano no fim do caminho
Sobre o autor

— Vamos — disse Vic. — Vai ser ótimo.

— Não, não vai — falei, mesmo sabendo que já tinha perdido a discussão horas antes.

— Vai ser demais — disse Vic, pela centésima vez. — Garotas! Garotas! Garotas!

Ele sorriu com os dentes brancos.

Nós frequentávamos uma escola só para meninos no sul de Londres. Embora fosse mentira dizer que não tínhamos nenhuma experiência com garotas — Vic parecia ter tido muitas namoradas, e eu havia beijado três amigas da minha irmã —, na minha opinião seria a mais pura verdade dizer que falávamos principalmente com, interagíamos com, e só entendíamos de verdade, outros garotos. Bom, eu, pelo menos. É difícil falar pelos outros, e já faz trinta anos que não vejo o Vic. Não sei se saberia o que dizer para ele agora se o encontrasse.

Seguíamos pelas ruelas sujas que se entrecruzavam como um labirinto atrás da estação de East Croydon — um amigo havia contado a Vic sobre uma festa, e Vic estava determinado a ir, querendo eu ou não, e eu não queria. Mas meus pais estavam fora durante aquela semana, em uma conferência, e eu estava hospedado na casa do Vic, por isso andava a seu lado.

— Vai ser a mesma coisa de sempre — falei. — Depois de uma hora você vai estar em algum canto dando uns amassos com a menina mais gata da festa, e

eu vou ficar na cozinha ouvindo a mãe de alguém falar de política ou poesia ou outro assunto qualquer.

— Você só tem que *falar* com elas — disse ele. — Acho que deve ser aquela rua ali em frente.

Ele apontou, animado, balançando a sacola com a garrafa.

— Você não sabe onde é?

— A Alison me ensinou a chegar lá e anotei tudo em um pedaço de papel, mas esqueci na mesa da sala. Está tudo sob controle. Vou achar o lugar.

— Como?

A esperança brotou lentamente dentro de mim.

— A gente anda até o fim da rua — disse ele, como se falasse com uma criança burra. — E procura a festa. Simples.

Olhei, mas não vi festa nenhuma: só casas estreitas com motos ou carros enferrujados estacionados nos jardins cimentados; e as fachadas de vidro empoeirado das lojas de periódicos, que cheiravam a temperos exóticos e vendiam de tudo, desde cartões de aniversário e gibis usados até o tipo de revista tão pornográfica que era vendida já embalada em sacos plásticos. Eu estava presente quando, uma vez, o Vic escondeu uma daquelas revistas debaixo do suéter, mas o dono da loja o pegou na calçada do lado de fora e fez com que devolvesse.

Chegamos ao fim da rua e viramos em uma ruela de casas geminadas. Tudo parecia muito quieto e vazio naquela noite de verão.

— É fácil pra você — falei. — Elas ficam caidinhas por você. Não precisa nem *falar* com elas.

Era verdade: com um sorrisinho, Vic podia escolher a garota que quisesse.

— Que nada. Não é assim. Você tem que conversar.

Das vezes em que beijei as amigas da minha irmã, não cheguei a falar com elas. Estavam por perto enquanto minha irmã estava fora, fazendo alguma coisa em outro lugar, e foram atraídas para a minha órbita, e por isso as beijei. Não me lembro de conversa nenhuma. Não sabia o que dizer às garotas, e comentei isso com ele.

— São só garotas — disse Vic. — Não extraterrestres.

Assim que viramos a esquina, comecei a perder a esperança de que não encontraríamos a festa: um ribombar grave e pulsante, o som de música abafada por paredes e portas, saía de uma casa logo à frente. Eram oito da noite, não tão cedo assim quando não se tem nem dezesseis anos, e nós não tínhamos. Ainda não.

Meus pais gostavam de saber onde eu estava, mas não creio que os pais do Vic se importassem muito. Ele era o mais novo de cinco irmãos. Isso, por si só,

já era algo mágico para mim: eu só tinha duas irmãs, mais novas que eu, e me sentia ao mesmo tempo especial e solitário. Sempre quis ter um irmão, desde que me entendo por gente. Aos treze anos, parei de fazer pedidos para estrelas cadentes ou para a primeira que surgia no céu, mas, antes disso, um irmão era o que eu pedia.

Seguimos pelo jardim, um caminho de pedras exuberantes que contornava uma cerca viva e uma roseira solitária e ia até uma fachada revestida com seixos. Tocamos a campainha e quem abriu a porta foi uma garota. Eu não saberia dizer sua idade, o que era uma das coisas que eu começava a odiar nas garotas: na infância, somos meninos e meninas, e o tempo passa na mesma velocidade para todos nós; temos cinco anos, ou sete, ou onze, juntos. Mas aí, um dia, acontece uma guinada, e as garotas simplesmente dão um salto para o futuro antes da gente, e sabem tudo sobre tudo, ficam menstruadas, os peitos crescem, usam maquiagem, e sabe Deus o que mais — eu, com certeza, não sabia. As ilustrações nos livros didáticos de biologia não substituíam o que era ser, em carne e osso, um jovem adulto. E as garotas da nossa idade eram.

Vic e eu não éramos jovens adultos, e eu começava a suspeitar de que mesmo quando passasse a ter que me barbear todos os dias, em vez de a cada duas semanas, ainda estaria comendo poeira.

— Oi? — disse a garota.

— Somos amigos da Alison — falou Vic.

Tínhamos conhecido a Alison, uma sardenta de cabelo ruivo e sorriso maroto, em Hamburgo, durante um intercâmbio na Alemanha. Os organizadores do intercâmbio haviam mandado algumas garotas de uma escola só para meninas da região com a gente, para equilibrar. As garotas, mais ou menos da nossa idade, eram barulhentas e divertidas, e tinham namorados mais ou menos adultos, com carros, empregos, motos e — no caso de uma menina de dentes tortos e casaco de pele de guaxinim, que me confidenciou isso com pesar no fim de uma festa em Hamburgo, na cozinha, claro — mulher e filhos.

— Ela não veio — disse a garota à porta. — Nada de Alison.

— Não tem problema — falou Vic, abrindo um sorriso cativante. — Meu nome é Vic. Este é o Enn. — Uma fração de segundo, e a garota retribuiu o sorriso. Vic carregava uma garrafa de vinho branco, subtraída do armário da cozinha dos pais, dentro de uma sacola plástica. — Então, onde boto isso?

Ela deu um passo para o lado e nos deixou entrar.

— A cozinha fica nos fundos. Deixe a garrafa em cima da mesa, junto com as outras.

Seu cabelo era loiro e ondulado, e a garota era muito bonita. O corredor estava escuro, à meia-luz do pôr do sol, mas dava para ver que era bonita.

— Como você se chama mesmo? — perguntou Vic.

Ela respondeu que se chamava Stella, e ele abriu seu sorriso torto e falou que aquele com certeza era o nome mais lindo que já tinha ouvido na vida. Vaselina de uma figa. E o pior é que falava como se estivesse sendo sincero.

Vic foi deixar o vinho na cozinha, e eu dei uma olhada na sala de estar, de onde vinha a música. Havia algumas pessoas dançando lá dentro. A Stella entrou e começou a dançar, balançando ao som da música, sozinha, e fiquei observando seus movimentos.

Isso foi no início da era punk. Nas nossas vitrolas tocávamos The Adverts e The Jam, The Stranglers e The Clash, e Sex Pistols. Nas festas das outras pessoas se ouviam Electric Light Orchestra, 10cc ou até Roxy Music. Com sorte, algo do Bowie. Durante o intercâmbio na Alemanha, a única unanimidade foi o disco *Harvest*, do Neil Young, e a faixa "Heart of Gold" virou o refrão da viagem: *I crossed the ocean for a heart of gold*...

Eu não conseguia identificar a música tocando naquela sala de estar. Parecia um pouco com um grupo pop de música eletrônica chamado Kraftwerk, e um pouco com o disco que eu havia ganhado no meu último aniversário, com os efeitos sonoros bizarros produzidos no laboratório radiofônico da BBC. Mas a música tinha uma batida própria, e a meia dúzia de garotas ali se mexia suavemente no ritmo, embora eu só tivesse olhos para Stella. Ela brilhava.

Vic me empurrou para o lado e entrou na sala. Trazia uma lata de cerveja na mão.

— Tem bebida lá na cozinha — disse.

Então andou até a Stella e começou a conversar com ela. Eu não conseguia ouvir o que diziam por causa da música, mas sabia que não havia espaço para mim naquela conversa.

Eu não gostava de cerveja, não naquela época. Saí para ver se tinha alguma outra coisa para beber. Na mesa da cozinha havia uma garrafa grande de Coca-Cola. Enchi um copo descartável de plástico, e não ousei falar nada com as garotas que conversavam na cozinha mal iluminada. Elas estavam animadas e eram lindas de verdade. Tinham pele bem negra, cabelos brilhosos e usavam roupas dignas de atrizes de cinema. O sotaque era estrangeiro, e as duas eram muita areia para o meu caminhãozinho.

Saí da cozinha, com a Coca na mão.

A casa era mais comprida do que parecia, maior e mais complexa que o padrão de dois cômodos em cada andar que eu havia imaginado. A luz nos quartos era fraca — duvido que houvesse uma lâmpada com mais de 40 watts na casa toda —, e havia gente onde quer que eu entrasse: pelo que me lembro, só garotas. Não cheguei a ir até o andar de cima.

No jardim de inverno havia uma única menina. Seu cabelo era quase branco de tão loiro, comprido e liso, e ela estava sentada à uma mesa com tampo de vidro, com as mãos entrelaçadas, olhando fixamente para o jardim e para o cair da tarde lá fora. Parecia melancólica.

— Você se incomoda se eu me sentar aqui? — perguntei, indicando o assento com o copo.

Ela fez que não com a cabeça, depois deu de ombros, deixando claro que tanto fazia. Eu me sentei.

Vic passou em frente à porta do jardim de inverno. Ele conversava com Stella, mas olhou para mim, sentado à mesa, envolto em timidez e constrangimento, e abriu e fechou a mão imitando uma boca falando. *Fale*. Certo.

— Você é daqui? — perguntei à garota.

Ela negou com um movimento de cabeça. Usava uma blusa prateada decotada, e tentei não ficar olhando para os seus seios.

— Qual é o seu nome? Eu sou o Enn — continuei.

— Wain de Wain — respondeu ela, ou algo que soou como isso. — Sou uma segunda.

— É um... É um nome diferente.

Ela me encarou com olhos grandes e brilhantes.

— Quer dizer que minha progenitora também era uma Wain, e que sou obrigada a me reportar a ela. Não tenho permissão para procriar.

— Ah. Bom. Na verdade, você ainda é meio nova pra isso, né?

Ela abriu as mãos, espalmou-as no tampo da mesa e esticou os dedos.

— Está vendo isso? — O mindinho da mão esquerda era torto, e bifurcava no fim, separando-se em duas pontas menores. Uma pequena deformação. — Quando fiquei pronta, uma decisão teve que ser tomada. Eu seria poupada ou eliminada? Tive sorte e a decisão me foi favorável. Agora viajo, enquanto minhas irmãs perfeitas permanecem em casa, em estase. Elas foram primeiras. Eu sou uma segunda. Devo retornar a Wain em breve, e contar a ela tudo o que vi. Todas as minhas impressões deste lugar.

— Eu não moro em Croydon, na verdade — falei. — Não sou daqui.

Fiquei me perguntando se ela seria americana. Não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— Como você diz — concordou ela —, nenhum de nós é daqui. — Ela dobrou a mão esquerda de seis dedos embaixo da direita, como se para escondê-la. — Eu esperava que fosse ser maior, e mais limpo, e mais colorido aqui. Mas, mesmo assim, é uma joia.

Ela bocejou, cobrindo a boca com a mão direita, só por um instante, e

pousou-a na mesa novamente.

— Estou ficando cansada de viajar, e às vezes gostaria que isso acabasse. Em uma rua do Rio, no Carnaval, eu os vi em uma ponte, dourados, grandes, com olhos de inseto e asas. Fiquei eufórica, quase corri para cumprimentá-los, mas percebi que eram só pessoas fantasiadas. Perguntei a Hola Colt: "Por que elas se esforçam tanto para ficarem parecidas com a gente?", e Hola Colt respondeu: "Porque se odeiam, com suas peles cor-de-rosa e marrons, e são muito pequenas." É o que percebo, até mesmo eu, e olha que nem sou adulta. É como se fosse um mundo de crianças, ou de elfos. — Então ela sorriu e completou: — Ainda bem que nenhuma daquelas pessoas conseguia ver Hola Colt.

— Humm — falei. — Você quer dançar?

Ela fez que não com a cabeça imediatamente.

— Não é permitido — respondeu. — Não posso fazer nada que venha a causar danos a propriedades. Sou de Wain.

— Quer alguma coisa para beber, então?

— Água — respondeu.

Voltei à cozinha e me servi de mais Coca, além de encher uma caneca com água da torneira. Saí da cozinha e voltei para o corredor, e de lá segui para o jardim de inverno, que agora estava vazio.

Fiquei me perguntando se a garota teria ido ao banheiro, e se mudaria de ideia sobre dançar. Fui de novo até a sala de estar e dei uma olhada lá dentro. O lugar estava mais cheio. Havia mais garotas dançando, e vários caras que eu não conhecia e que pareciam alguns anos mais velhos que eu e Vic. Os caras e as garotas mantinham distância uns dos outros, mas Vic segurava a mão de Stella enquanto dançavam. Quando a música parou, ele colocou o braço na cintura dela, com ares de dono, para garantir que ninguém mais se atreveria a mexer com ela.

Fiquei me perguntando se a garota com quem eu havia conversado no jardim de inverno estaria no andar de cima, já que não parecia estar no térreo.

Entrei em outra sala, em frente àquela na qual as pessoas dançavam, e me sentei no sofá. Já havia uma garota sentada nele. O cabelo dela era preto, curto e arrepiado, e parecia nervosa.

Fale, pensei.

— Humm, eu tenho uma caneca de água sobrando — falei —, se você quiser.

Ela fez que sim com a cabeça, esticou o braço e pegou a caneca com muito cuidado, como se não estivesse acostumada a pegar coisas, como se não pudesse confiar nem em sua visão nem em suas mãos.

— Eu gosto da vida de turista — disse ela, com um sorriso hesitante. Seus dentes da frente eram separados, e ela bebeu a água da torneira como se fosse uma adulta degustando um bom vinho. — Na última viagem, visitamos sol, e nadamos em lagoas de fogo solar com as baleias. Ouvimos suas histórias e trememos de frio nos descampados, então fomos mais para o fundo, onde o calor nos aqueceu e reconfortou. Eu queria voltar. Dessa vez, eu queria mesmo. Ainda havia tanto para ver. Em vez disso, viemos para mundo. Você gosta?

— Gosto de quê?

Ela fez um gesto vago mostrando a sala — o sofá, as poltronas, as cortinas, a lareira a gás apagada.

— É legal, acho.

— Eu disse para eles que não queria visitar mundo — falou. — Meu pai-professor não quis ceder. “Você terá muito o que aprender”, ele me disse. Falei: “Eu aprenderia mais indo para sol, de novo. Ou para as profundezas. Jessa tecia teias entre galáxias. Quero fazer isso.” Mas não houve jeito de convencê-lo, e acabei vindo para mundo. O pai-professor me envolveu, e aqui cheguei, corporificada em um pedaço de carne em decomposição pendurado em uma estrutura de cálcio. Assim que encarnei, senti coisas dentro de mim, vibrando, bombeando e esguichando. Foi a primeira vez que expeli ar pela boca, provocando uma vibração nas cordas vocais, e usei isso para dizer ao pai-professor que eu desejava morrer, o que ele concordou ser a estratégia inevitável para sair de mundo.

Havia uma pulseira de contas pretas em seu pulso, e ela brincava com elas ao falar.

— Mas há conhecimento na carne — disse —, e estou decidida a aprender com ela.

Agora estávamos sentados no meio do sofá, bem perto um do outro. Resolvi que deveria colocar o braço nos ombros dela, como quem não quer nada. Eu apoiaria o braço estendido no encosto do sofá e, aos poucos, meio que arrastaria o braço para baixo até encostar nela.

— Aquilo do líquido nos olhos, quando o mundo embaça. Ninguém me contou, e ainda não consigo entender. Toquei as dobras do Sussurro, pulsei e voei com os cisnes de táquion, e ainda não entendo.

Ela não era a garota mais bonita da festa, mas parecia legal, e era uma garota, no fim das contas. Deixei que o braço escorregasse um pouco, hesitante, até encostar nas costas dela, e a menina não me pediu para tirá-lo de lá.

Naquela hora, Vic me chamou da porta. Ele estava abraçando a cintura da Stella de um jeito protetor e acenou para mim. Tentei fazer com que entendesse, com um movimento de cabeça, que eu estava ocupado, mas ele me chamou de

novo e, relutante, levantei e fui até a porta.

— O que é?

— Então... Olha. A festa — disse Vic, meio sem graça. — Não é a que eu pensei que era. Descobri isso conversando com a Stella. Bom, ela meio que explicou isso pra mim. Estamos em outra festa.

— Droga. A gente está ferrado? A gente tem que ir embora?

Stella fez que não com a cabeça. Vic se inclinou e beijou-a suavemente na boca.

— Você ficou feliz por eu estar aqui, não ficou, querida?

— Você sabe que sim — respondeu ela.

Ele olhou para mim por trás dela, e abriu aquele seu sorriso branco: zombeteiro, adorável, meio Raposa Astuta, meio Príncipe Encantado malandro.

— Não precisa se preocupar. Todo mundo aqui é turista. É um tipo de intercâmbio, né? Como quando a gente foi pra Alemanha.

— É?

— Enn. Você tem que *conversar* com elas. E isso quer dizer que você tem que ouvir o que elas dizem também. Entendeu?

— Eu já fiz isso. Já falei com duas delas.

— E conseguiu alguma coisa?

— Eu estava bem até você me chamar.

— Opa. Olha, eu só queria que você soubesse. Tudo bem?

Ele deu um tapinha no meu braço e saiu com a Stella. Então, juntos, começaram a subir a escada.

Veja bem, todas as garotas naquela festa à meia-luz eram lindas; todas tinham rostos perfeitos, mas, mais importante que isso, todas tinham alguma proporção estranha, alguma esquisitice ou sinal de humanidade, que é o que faz de uma garota bonita algo mais que um manequim de vitrine. Stella era a mais bonita de todas, mas, é claro, era do Vic, e os dois estavam subindo juntos, e era assim que as coisas sempre seriam.

Quando voltei, havia várias pessoas sentadas no sofá conversando com a garota de dentes separados. Alguém contou uma piada e todos riram. Eu teria que abrir caminho para poder sentar ao lado dela de novo, e a menina não parecia estar esperando que eu voltasse, nem parecia se importar com o fato de eu ter saído, então fui mais uma vez para o corredor. Olhei para as pessoas que dançavam, e me peguei tentando descobrir de onde vinha a música. Não dava para ver nenhum toca-discos ou alto-falante.

Do corredor, voltei para a cozinha.

Cozinhas são lugares bons para ficar em festas. Você nunca precisa ter uma desculpa para estar lá, e, vendo pelo lado positivo, naquela festa não havia sinal

da mãe de ninguém. Examinei as diferentes garrafas e latas em cima da mesa da cozinha, servi uma pequena dose de Pernod no meu copo descartável e depois completei com Coca-Cola. Acrescentei duas pedras de gelo e tomei um gole, saboreando o gosto doce da bebida.

— O que é isso que você está bebendo?

Era a voz de uma garota.

— É Pernod — respondi. — Tem gosto de bala de anis, só que é alcoólico.

Não contei que só tinha experimentado aquilo porque ouvi alguém da plateia pedir um Pernod em um disco ao vivo do Velvet Underground.

— Posso tomar um também?

Servi outra dose de Pernod, completei com Coca-Cola e entreguei o copo para ela. Seu cabelo era ruivo acobreado, cheio e cacheado. Não é um penteado que se vê muito hoje em dia, mas era bem comum naquela época.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Triolé — respondeu ela.

— Que nome bonito — comentei, embora não estivesse bem certo disso.

Mas pelo menos ela era bonita.

— É um tipo de poema — disse ela, vaidosa. — Como eu.

— Você é uma poesia?

Ela sorriu e desviou o olhar, talvez por timidez. Seu perfil era quase reto — um perfeito nariz grego que descia da testa em linha reta. Eu tinha participado de uma montagem da peça *Antígona* na escola no ano anterior. Era o mensageiro que leva para Creonte a notícia da morte da Antígona. Nós usávamos máscaras pela metade que nos deixavam com aquele perfil. Pensei na peça, olhando para o rosto daquela garota na cozinha, e me lembrei dos desenhos de mulheres de Barry Smith nas HQs do *Conan, o bárbaro*: cinco anos depois eu pensaria nos pré-rafaelitas, em Jane Morris e Lizzie Siddall. Mas eu só tinha quinze anos naquela época.

— Você é uma poesia? — repeti.

Ela mordiscou o lábio.

— Se você quiser. Sou uma poesia, ou um padrão, ou uma raça cujo mundo foi engolido pelo mar.

— Não é difícil ser três coisas ao mesmo tempo?

— Qual é o seu nome?

— Enn.

— Então, você é Enn — disse ela. — E é um homem. E é bípede. É difícil ser três coisas ao mesmo tempo?

— Mas não são coisas diferentes. Quer dizer, não são contraditórias.

Era uma palavra que eu havia lido muitas vezes, mas que nunca tinha dito

até aquela noite, e pronunciei a sílaba tônica no lugar errado. *Contraditorias*.

Ela usava um vestido leve feito de um tecido branco e sedoso. Seus olhos eram de um verde bem claro, uma cor que nos dias de hoje me faria pensar em lentes de contato coloridas; mas isso aconteceu há trinta anos; as coisas eram diferentes naquela época. Lembro-me de ter pensado em Vic e Stella, no andar de cima. Àquela altura, tinha certeza de que estavam em um dos quartos, e eu sentia tanta inveja do Vic que quase doía.

Ainda assim, eu estava falando com uma garota, mesmo que a conversa não fizesse sentido, mesmo que seu verdadeiro nome não fosse Triolé. (Minha geração não recebeu nomes hippies: todas as Floras, Luas e Sols tinham apenas seis, sete ou oito anos naquela época.)

— Nós sabíamos que o fim estava próximo, então colocamos tudo em um poema, para dizer ao universo quem fomos, e por que estávamos aqui, e tudo o que dissemos, fizemos, pensamos, sonhamos e desejamos. Embrulhamos nossos sonhos em palavras e as moldamos para que fossem eternas, inesquecíveis. Então enviamos o poema como um padrão de fluxo para esperar no coração de uma estrela, emitindo sua mensagem em pulsos, explosões e ruídos através do espectro eletromagnético, até o dia em que, em mundos a mil sistemas solares de distância, o padrão fosse decodificado e lido, e voltasse a ser um poema.

— E o que aconteceu?

Ela me olhou com seus olhos verdes, e foi como se tivesse me encarado por detrás de sua própria máscara de Antígona, mas de um jeito que seus olhos verde-claros pareceram, de uma forma diferente e profunda, ser parte da máscara.

— Não se ouve um poema sem que ele mude você — respondeu ela. — Eles o ouviram, e o poema os colonizou. Ele os possuiu e os habitou, seu ritmo se tornando parte do modo como pensavam; suas imagens mudando para sempre as metáforas deles; seus versos, suas perspectivas, suas aspirações se tornando a vida deles. Na geração seguinte, as crianças já nasceram conhecendo o poema, e, de uma hora para outra, como costuma acontecer, mais nenhuma criança nasceu. Não havia mais necessidade delas. Tudo o que havia era um poema, que se vestiu de carne e se espalhou pela vastidão do conhecido.

Cheguei mais perto, até encostar minha perna na dela.

Ela pareceu gostar: colocou a mão no meu braço de forma carinhosa, e um sorriso se abriu em meu rosto.

— Somos bem-vindos em alguns lugares — disse Triolé —, mas em outros somos vistos como ervas daninhas, ou como uma doença, algo que deve ser imediatamente isolado e eliminado. Mas onde acaba o contágio e começa a arte?

— Não sei — respondi, ainda sorrindo.

Eu ouvia a música estranha da sala de estar pulsando, se propagando e se espalhando pela casa.

Triolé se inclinou na minha direção naquele momento e... acho que aquilo foi um beijo... acho. Ela encostou a boca na minha, e então, satisfeita, se afastou, como se tivesse acabado de me marcar como sua propriedade.

— Você gostaria de ouvir? — perguntou ela, e concordei com a cabeça, sem ter muita certeza do que me era oferecido, mas sabendo que precisava de qualquer coisa que ela estivesse disposta a me dar.

Ela começou a sussurrar alguma coisa no meu ouvido. Poesias são estranhas — você sabe que se trata de poesia, mesmo que não fale a língua. Você pode ouvir Homero sem saber uma palavra de grego, e mesmo assim percebe que é um poema. Já ouvi poesias polonesas e poesias inuítes, e sabia o que eram sem saber. O sussurro dela era assim. Eu não entendia as palavras, mas seus versos tomaram conta de mim, perfeitos, e na minha mente eu via torres de vidro e diamante; pessoas com olhos de um verde muito claro, e a cada sílaba, sem parar, eu sentia o avanço implacável do oceano.

Talvez eu tenha dado um beijo de verdade nela. Não lembro. Só sei que eu queria.

E então Vic me sacudiu com força.

— Vamos! — gritou ele. — Rápido. Vamos!

Minha mente começou a voltar de um lugar a mil quilômetros de distância.

— Idiota. Vamos. Levanta daí — repetiu ele, e me xingou, parecendo furioso.

Pela primeira vez naquela noite reconheci uma das músicas tocadas na sala de estar. O triste uivo de um saxofone seguido por uma cascata de acordes fluidos, uma voz de homem cantando versos fragmentados a respeito dos filhos da era do silêncio. Eu queria ficar e ouvir a música.

— Eu não terminei. Ainda há mais de mim — disse ela.

— Foi mal, amorzinho — disse Vic, mas ele não estava mais sorrindo. — Fica pra próxima.

Então me pegou pelo cotovelo e me arrastou para fora da sala. Não ofereci resistência. Sabia, por experiência própria, que Vic poderia acabar comigo se quisesse. Ele não faria isso se não estivesse chateado ou com raiva, mas estava assim naquele momento.

Chegamos ao hall de entrada. Quando Vic abriu a porta da casa, olhei por cima do ombro pela última vez, esperando ver Triolé na porta da cozinha, mas ela não estava lá. Só vi a Stella no alto da escada. Ela encarava Vic, e eu vi seu rosto.

Tudo isso aconteceu trinta anos atrás. Muito eu já esqueci, e vou esquecer

mais ainda, e, no fim, vou esquecer tudo; mas, se tenho alguma certeza da vida após a morte, ela está embrulhada não em salmos ou hinos, mas em uma única coisa: não acho que vou esquecer aquele momento, ou a expressão no rosto de Stella ao ver Vic fugindo dela. Vou me lembrar disso até na morte.

A roupa dela estava toda amarfanhada, o rosto, todo borrado de maquiagem, e os olhos...

Não é uma boa ideia deixar um universo com raiva. Aposto que um universo com raiva olharia para você com aqueles olhos.

Então Vic e eu saímos correndo da festa, dos turistas e do crepúsculo, corremos como se uma tempestade elétrica estivesse em nosso encalço, uma corrida louca e desenfreada pelas ruas confusas, atravessando aquele labirinto, sem olhar para trás, e não paramos até perdermos totalmente o fôlego; e então paramos, ofegantes, incapazes de dar mais um passo. Tudo doía. Eu me apoiei em uma parede, e Vic vomitou, muito e por um bom tempo, na sarjeta.

Ele limpou a boca.

— Ela não era...

Ele parou.

Sacudiu a cabeça.

Então falou:

— Sabe... Acho que tem uma coisa. Quando você já foi o mais longe que ousava ir. E, se passasse dali, não seria mais *você*. Você seria a pessoa que fez *aquilo*. Lugares aos quais você simplesmente não pode ir... Acho que isso aconteceu comigo hoje.

Achei que sabia do que ele estava falando.

— Transar com ela? É isso? — perguntei.

Ele pressionou o nó de um dedo na lateral da minha cabeça, e girou-o com força. Fiquei me perguntando se eu teria que brigar com ele — e perder —, mas depois de alguns instantes ele baixou a mão e se afastou, engolindo em seco sem fazer barulho.

Olhei para ele intrigado, e me dei conta de que estava chorando: o rosto vermelho; lágrimas e meleca escorrendo. Vic soluçava na rua, como se fosse um menininho, descontrolado, de cortar o coração. Ele se afastou de mim, os ombros se sacudindo, e seguiu depressa pela rua à minha frente, e eu não vi mais seu rosto. Tentei imaginar o que teria acontecido naquele quarto no segundo andar que faria com que Vic se comportasse daquele jeito, que o deixaria tão assustado, e não consegui nem imaginar.

As lâmpadas dos postes começaram a se acender, uma a uma; Vic seguia aos tropeços à minha frente, enquanto eu me arrastava atrás dele sob o crepúsculo, meus passos seguindo a métrica de um poema do qual, por mais que

eu tentasse, não conseguia me lembrar bem, e que nunca mais seria capaz de repetir.

Leia um trecho do novo romance de Neil Gaiman

O OCEANO NO FIM DO CAMINHO

Era apenas um lago de patos, nos fundos da fazenda. Nada muito grande.

Lettie Hempstock dizia que era um oceano, mas eu sabia que isso não fazia o menor sentido. Lettie falou que elas haviam atravessado o oceano até ali, vindas da velha pátria.

Sua mãe dizia que Lettie não lembrava direito, e que tinha sido muito tempo atrás, e, de qualquer maneira, a velha pátria havia afundado.

A velha sra. Hempstock, avó de Lettie, argumentava que ambas estavam erradas, e que o lugar que afundara não era a velha pátria *de verdade*. Ela declarava recordar-se bem da velha pátria de verdade.

Afirmava que a velha pátria de verdade havia explodido.

Prólogo

Eu estava de terno preto, camisa branca, gravata preta e um par de sapatos pretos, bem-engraxados e lustrosos: um traje que normalmente me deixaria desconfortável, como se estivesse usando um uniforme roubado ou fingindo ser adulto. Hoje me confortou, de certa forma. Era a roupa certa para um dia difícil.

Tinha cumprido meu dever pela manhã, dissera as palavras que me cabia dizer com sinceridade e, em seguida, após a cerimônia religiosa, entrei no carro e dirigi sem rumo, sem planejamento, com mais ou menos uma hora para matar antes de ver mais gente que havia anos não encontrava, distribuir mais apertos de mãos e beber várias xícaras de chá na mais fina porcelana. Dirigi pelas sinuosas estradas rurais de Sussex, das quais me lembrava apenas parcialmente, até que me vi a caminho do centro da cidade, então sem pensar peguei outra via, dobrei à esquerda e depois à direita. Foi só então que percebi para onde estava indo, para onde ia desde o começo, e fiz uma careta, consciente de minha ausência de bom senso.

Eu estava dirigindo a caminho de uma casa que há décadas não existia mais.

Pensei em dar meia-volta nesse momento, quando já seguia por uma pista larga que um dia fora uma estradinha de pedras ao lado de um campo de cevada, em retornar e deixar o passado em paz. Mas fiquei curioso.

A casa velha na qual eu morei por sete anos, dos cinco aos doze, essa foi derrubada e sumiu do mapa. A nova, que meus pais construíram nos fundos do jardim, entre os arbustos de azaleias e o círculo verde na grama — que chamávamos de anel de fadas —, essa foi vendida trinta anos atrás.

Reduzi a velocidade do carro ao ver a casa nova. Para mim, seria sempre a casa nova. Parei na entrada de veículos, reparando no modo como eles haviam seguido o estilo arquitetônico de meados da década de 1970. Eu tinha esquecido que os tijolos eram marrom-escuros. A pequena varanda da minha mãe fora transformada pelos novos moradores num jardim de inverno de dois andares. Observei a casa com o olhar fixo, encontrando menos lembranças da minha adolescência do que esperava: nem dos tempos bons, nem dos ruins. Eu tinha

morado naquele lugar, por um tempo. Não parecia fazer parte de nada do que eu era agora.

Engatei a ré e saí da entrada de veículos.

Eu sabia que era hora de ir para a casa movimentada e acolhedora da minha irmã, toda arrumada e preparada para a ocasião. Conversaria com pessoas cuja existência eu apagara da memória havia anos, e elas perguntariam sobre meu casamento (fracassado dez anos atrás, um relacionamento que foi se desgastando lentamente até que um dia, como sempre parece acontecer, chegou ao fim), e se eu estava namorando alguém (não estava; não sabia nem se conseguiria, não por enquanto), e perguntariam sobre meus filhos (crescidos, com suas próprias vidas, queriam muito ter podido vir), e sobre meu trabalho. (O trabalho vai bem, obrigado, eu diria, sempre sem saber como falar do que faço. Se conseguisse falar, não precisaria fazer. Eu faço arte, às vezes arte verdadeira, e às vezes isso preenche os espaços vazios da minha existência. Alguns. Nem todos.) Falaríamos sobre os que já se foram. Nós nos lembraríamos dos mortos.

A estradinha rural da minha infância era agora uma rua pavimentada, o asfalto preto servindo de divisória entre dois enormes condomínios de casas. Dirigi por ela, afastando-me da cidade, na direção contrária à que deveria ir, e a sensação foi boa.

A pista negra e lisa tornou-se mais estreita, mais sinuosa, transformando-se na estradinha de uma faixa só da qual eu me lembrava, da minha infância, depois em terra batida e pedrinhas arredondadas, brancas como ossos.

Logo eu guiava lentamente o carro, aos solavancos, por um caminho estreito ladeado por arbustos de amoras-bravas e rosas mosquetas entremeados de fileiras de aveleiras ou matagais de cerca viva. Parecia que eu havia dirigido de volta ao passado. Aquela estradinha estava exatamente do jeito que eu lembrava, ela e nada mais.

Passei em frente à Fazenda Caraway. Lembrei-me de quando tinha só dezesseis anos e beijei Callie Anders, que morava ali com suas bochechas coradas e cabelo louro, e cuja família estava de mudança para as ilhas Shetland. Callie Anders, que eu nunca mais beijaria nem veria de novo. E então, por mais de um quilômetro, nada além de campos de pastagem dos dois lados da pista: um emaranhado de prados. Aos poucos, a estradinha virou uma trilha. Estava chegando ao fim.

Lembrei-me dela antes de fazer a curva e então a vi, em toda a glória de seus tijolos vermelhos castigados pelo tempo: a casa de fazenda das Hempstock.

A visão me pegou de surpresa, embora desde sempre fosse ali que a estradinha terminava. Não havia como ir adiante. Estacionei o carro ao lado do curral. Não sabia o que fazer em seguida. Fiquei me perguntando se após todos

esses anos ainda haveria alguém morando ali, ou, mais especificamente, se as Hempstock ainda moravam ali. Parecia improvável, mas, pelo pouco que eu lembrava, elas eram pessoas improváveis.

O fedor do esterco de vaca me atingiu assim que saltei do carro, e atravessei o pequeno pátio com cuidado até a porta da casa. Tentei em vão encontrar a campainha, então bati. A porta não estava fechada direito e se abriu lentamente com o toque dos nós dos meus dedos.

Eu já estivera ali, não estivera, muito tempo atrás? Tinha certeza que sim. As memórias de infância às vezes são encobertas e obscurecidas pelo que vem depois, como brinquedos antigos esquecidos no fundo do armário abarrotado de um adulto, mas nunca se perdem por completo. Parei na saleta na entrada da casa e falei:

— Olá? Tem alguém aí?

Nenhuma resposta. Senti cheiro de pão no forno, de lustra-móveis e madeira antiga. Meus olhos demoraram a se adaptar à escuridão; esquadrinhei o ambiente e já me preparava para dar meia-volta e ir embora quando uma senhora surgiu na saleta mal iluminada segurando um pano branco. Seus cabelos eram grisalhos e compridos.

— Sra. Hempstock? — falei.

Ela inclinou a cabeça para o lado, olhou para mim.

— Sim. Eu *conheço* você, meu jovem — disse ela.

Não sou jovem. Não mais.

— Conheço, mas as coisas ficam confusas quando se chega à minha idade. Quem é você, mesmo?

— Acho que eu devia ter uns sete, oito anos, talvez, na última vez que estive aqui.

Ela, então, sorriu.

— Você era amigo da Lettie? Lá do início da estrada?

— A senhora me serviu um copo de leite. Estava quente, tirado das vacas. — Então me dei conta de quantos anos haviam se passado, e falei: — Não, não foi a senhora quem fez isso. Deve ter sido sua mãe quem me serviu o copo de leite. Perdão.

Quando envelhecemos, ficamos iguais aos nossos pais; viva o suficiente e verá os rostos se repetirem com o tempo. Eu me lembrava da sra. Hempstock, mãe de Lettie, como uma mulher corpulenta. A senhora na minha frente era magra, franzina e tinha uma aparência frágil. Era igual à mãe dela, que eu conhecera como a velha sra. Hempstock.

Às vezes, quando me olho no espelho, vejo o rosto do meu pai, não o meu, e me lembro do jeito como ele sorria sozinho, diante do espelho, antes de sair de

casa. “Que bela figura”, dizia ao próprio reflexo, a título de aprovação. “Que bela figura.”

— Você veio ver a Lettie? — perguntou a sra. Hempstock.

— Ela está aqui?

A sugestão me causou surpresa. Lettie havia *se mudado* para algum lugar, não? Para os Estados Unidos?

A senhora fez que não com a cabeça.

— Eu já ia pôr a chaleira no fogo. Você aceita um chazinho?

Hesitei. Então respondi que, se ela não se importasse, eu gostaria de ir até o laguinho primeiro.

— Laguinho?

Sabia que Lettie se referia ao lago de um jeito engraçado. Eu me lembrava disso.

— Ela o chamava de mar. Algo assim.

A velha senhora colocou o pano em cima da cômoda.

— Não dá para beber água do mar, não é mesmo? Salgada demais. É como sorver o sangue da vida. Lembra o caminho? Dá para chegar lá contornando a casa. É só seguir a trilha.

Se você tivesse me perguntado uma hora antes, eu teria respondido que não, eu não lembrava o caminho. Não acho nem que teria me lembrado do nome de Lettie Hempstock. Mas ali, de pé naquela saleta, tudo estava voltando. As lembranças estavam à espreita nos arredores das coisas, acenando para mim. Se você me dissesse que eu tinha novamente sete anos, por um breve instante eu quase poderia acreditar.

— Obrigado.

Fui até o curral. Passei pelo galinheiro e pelo antigo estábulo, margeando o limite do terreno, lembrando-me de onde estava e do que vinha em seguida, e feliz por saber. As aveleiras demarcavam o prado. Colhi um punhado de avelãs verdes e as guardei no bolso.

O lago está logo ali, pensei.

Só preciso dar a volta nesse galpão e o verei.

Avistei-o e me senti curiosamente orgulhoso de mim mesmo, como se aquele pequeno ato da memória tivesse soprado algumas teias de aranha daquele dia.

O lago era menor do que eu lembrava. Havia um pequeno galpão de madeira na outra margem e, perto da trilha, um banco antigo e pesado de madeira e ferro. As ripas descascadas haviam sido pintadas de verde fazia poucos anos. Sentei-me e fiquei olhando o reflexo do céu no lago, a camada de lentilhas-d’água nas margens e uma meia dúzia de ninfeias. De vez em quando,

jogava uma avelã no meio do lago, o lago a que Lettie Hempstock chamava de…

Não era de mar, era?

Ela devia estar mais velha do que eu agora, Lettie Hempstock. Tinha apenas uns poucos anos a mais naquela época, apesar do jeito peculiar de falar. Tinha onze anos. E eu… quantos anos eu tinha? Foi depois do fiasco da festa de aniversário. Disso eu me lembrava. Então devia ter sete.

Fiquei tentando lembrar se havíamos chegado a cair na água. Será que eu tinha empurrado Lettie no lago de patos, aquela menina esquisita que morava na fazenda bem no fim do caminho? Eu me lembrava dela na água. Talvez ela tivesse me empurrado também.

Para onde ela foi? Estados Unidos? Não, *Austrália*. Era isso. Algum lugar bem longe.

E não era mar. Era oceano.

O oceano de Lettie Hempstock.

Lembrei-me disso, e, ao lembrar, lembrei-me de tudo.

I.

Ninguém foi à minha festa de aniversário de sete anos.

Havia uma mesa arrumada com gelatinas e pavês, um chapéu de festa ao lado de cada prato e, no meio, um bolo com sete velas. Em cima dele, um livro desenhado com glacê. Minha mãe, que organizara a festa, contou que a moça da confeitaria confessara que eles nunca haviam colocado um livro num bolo de aniversário, e que faziam, para a maioria dos meninos, bolas de futebol ou naves espaciais. Eu fui o primeiro livro dela.

Quando ficou claro que ninguém apareceria, minha mãe acendeu as sete velas e eu as soprei. Comi uma fatia do bolo, como também o fizeram minha irmã caçula e uma de suas amigas (ambas participando da festa como observadoras, e não como convidadas) antes de baterem em retirada, rindo, para o jardim.

Minha mãe tinha preparado brincadeiras para a festa, mas, como não havia ninguém lá, nem mesmo minha irmã, nenhuma delas foi realizada, e eu mesmo desembrulhei o presente da brincadeira "passa o pacote", enrolado em várias folhas de jornal, revelando um boneco de plástico azul do Batman. Estava triste por ninguém ter ido à minha festa, mas feliz por ganhar um boneco do Batman, e ainda havia um presente de aniversário esperando para ser lido: a coleção completa de *As crônicas de Nárnia*, que levei para o meu quarto. Deitei na cama e me perdi nas histórias.

Gostei disso. Livros eram mais confiáveis que pessoas, de qualquer forma.

Meus pais também tinham me dado o LP *O melhor de Gilbert e Sullivan*, que se somou aos dois que eu já possuía. Eu adorava Gilbert e Sullivan desde os três anos, quando a irmã mais nova do meu pai, minha tia, levou-me para ver *Iolanthe*, uma ópera cheia de lordes e fadas. Achei a existência e a natureza das fadas mais fáceis de entender que os lordes. Ela morreu pouco tempo depois, de pneumonia, no hospital.

Naquela noite, meu pai chegou do trabalho carregando uma caixa de papelão. Dentro havia um gatinho, um filhotinho de gênero indefinido com pelo preto e macio, a quem chamei logo de Fofinho, e que amei total e

incondicionalmente.

À noite, Fofinho dormia na minha cama. Eu falava com o gatinho, às vezes, quando minha irmãzinha não estava por perto, com alguma esperança de que ele respondesse numa língua humana. Isso nunca aconteceu. Eu não me importava. O gatinho era carinhoso, atencioso e um bom companheiro para alguém cuja festa de aniversário de sete anos se resumira a uma mesa com biscoitos confeitados, um manjar, um bolo e quinze cadeiras dobráveis vazias.

Não me lembro de jamais haver perguntado a nenhuma das crianças da minha turma no colégio o motivo de não terem ido à minha festa. Eu não precisava perguntar. Eles não eram meus amigos, na verdade. Eram apenas as pessoas com quem eu estudava.

Eu fazia amigos devagar, quando os fazia.

Eu tinha os livros e, agora, meu gatinho. Seríamos como Dick Whittington e seu gato, eu sabia, ou, se Fofinho se mostrasse particularmente inteligente, seríamos o filho do moleiro e o Gato de Botas. O gatinho dormia no meu travesseiro e até me esperava voltar da escola, sentado na entrada de veículos na frente da casa, perto da cerca, até que um mês depois foi atropelado pelo táxi que trazia o minerador de opala que ficaria hospedado em nossa casa.

Eu não estava lá quando aconteceu.

Cheguei da escola naquele dia e meu gatinho não estava me esperando. Na cozinha havia um homem alto e magro, a pele bronzeada, a camisa xadrez. Ele tomava um café à mesa. Dava para sentir o cheiro. Naquela época todo café era instantâneo, um pó marrom-escuro e amargo que vinha num pote de vidro.

— Infelizmente, envolvi-me num pequeno acidente ao chegar — disse ele, em um tom animado. — Nada com que se preocupar.

Falava de um jeito diferente, com um sotaque engraçado: o primeiro sul-africano que conheci na vida.

Também tinha uma caixa de papelão, na mesa à sua frente.

— O gatinho preto, ele era seu? — perguntou.

— O nome dele é Fofinho — respondi.

— É. Como disse. Um acidente ao chegar. Nada com que se preocupar. Livrei-me do corpo. Não precisa se incomodar. Resolvi o problema. Pode abrir a caixa.

— O quê?

Ele apontou para a caixa.

— Pode abrir — repetiu.

O minerador de opala era um homem bem alto. Estava de calças jeans e camisa xadrez todas as vezes que o vi, exceto a última. Usava uma grossa corrente de ouro amarelo-claro no pescoço. Ela também havia desaparecido da

última vez que o vi.

Eu não queria abrir aquela caixa. Queria sumir dali, desaparecer. Queria chorar a morte do meu gatinho, mas não podia fazer isso com gente por perto me observando. Queria viver meu luto. Queria enterrar meu amigo nos fundos do jardim, logo depois do anel de fadas de grama verdinha, dentro da caverna formada pelo arbusto de rododendros, atrás da pilha de aparas de grama, aonde ninguém além de mim jamais ia.

A caixa se mexeu.

— Comprei-o para você — disse o homem. — Sempre pago minhas dívidas.

Estendi o braço, levantei a tampa da caixa e me perguntei se aquilo era alguma brincadeira, se meu gatinho estaria lá dentro. Em vez disso, uma cara ruiva me olhou, com uma expressão feroz.

O minerador de opala tirou o gato da caixa.

Era um macho enorme, o pelo rajado de laranja e branco, e faltava-lhe meia orelha. O gato me olhou com raiva. Não gostou de ter sido colocado numa caixa. Não estava acostumado a caixas. Estendi a mão para acariciar sua cabeça, sentindo como se traísse a memória do meu gatinho, mas o bicho se retraiu para eu não encostar nele, grunhiu para mim e então seguiu para um canto distante do cômodo, onde sentou-se, olhou e odiou.

— Aí está. Gato por gato — disse o minerador de opala, e bagunçou meu cabelo com a mão que lembrava couro.

Então saiu para o corredor, deixando-me na cozinha com o gato que não era o meu gatinho.

O homem espiou por detrás da porta.

— Ele se chama Monstro — falou.

Aquilo me pareceu uma piada de mau gosto.

Deixei a porta da cozinha aberta, para que o gato pudesse sair. Então subi até meu quarto, deitei na cama e chorei pelo falecido Fofinho. Quando meus pais chegaram em casa à noite, não creio que meu gatinho tenha sido sequer mencionado.

Monstro morou conosco por uma semana ou pouco mais. Eu colocava comida de gato na tigela para ele de manhã e de novo à noite, como fazia para o meu gatinho. Ele ficava sentado perto da porta dos fundos até que eu ou outra pessoa o deixasse sair. Nós o víamos no jardim, passando entre um arbusto e outro, ou nas árvores, ou na grama. Dava para rastrear seus movimentos pelos chapins-azuis e sabiás mortos que encontrávamos no jardim, mas não o víamos com muita frequência.

Eu sentia saudade do Fofinho. Sabia que seres vivos não podiam ser

simplesmente substituídos, mas não ousei me queixar a meus pais. Eles teriam ficado perplexos com minha comoção: afinal, apesar de meu gatinho ter sido atropelado e morto, também havia sido substituído. O dano fora remediado.

Tudo me voltava à memória, mas, mesmo enquanto lembrava, eu sabia que não seria por muito tempo: eu me lembrava de todas as coisas ali, sentado no banco verde ao lado do laguinho que Lettie Hempstock um dia me convenceu ser um oceano.

II.

Eu não era uma criança feliz, ainda que, de vez em quando, ficasse contente. Vivia nos livros mais que em qualquer outro lugar.

Nossa casa era grande e tinha vários cômodos, o que era bom quando a compramos e meu pai tinha dinheiro, e nada bom depois.

Meus pais me chamaram no quarto deles certa tarde, muito formalmente. Achei que tivesse feito algo errado e que estava lá para levar uma bronca, mas não: eles apenas me contaram que não eram mais financeiramente prósperos, que todos precisaríamos fazer sacrifícios e que eu teria que abrir mão do meu quarto, o pequeno cômodo no alto da escada. Fiquei triste: nele havia uma pequena pia amarela, bem do meu tamanho, instalada especialmente para mim; o quarto ficava em cima da cozinha, bem no fim da escada que saía da sala de tevê, e assim, à noite, eu conseguia ouvir lá do alto o burburinho tranquilizador da conversa dos adultos, pela porta entreaberta, e não me sentia sozinho. Além disso, no meu quarto, ninguém se incomodava se eu deixasse a porta entreaberta, deixando entrar a quantidade certa de luz para espantar o medo do escuro e, o que era igualmente importante, permitindo que eu lesse escondido depois da hora de dormir, à luz fraca do corredor, se precisasse. Eu sempre precisava.

Exilado no quarto enorme da minha irmã caçula, eu não fiquei triste. Já havia três camas lá, e eu escolhi a que ficava encostada na janela. Adorava poder sair pela janela do quarto para a varanda comprida de tijolos, poder dormir com ela aberta e sentir o vento e a chuva em meu rosto. Mas nós brigávamos, minha irmã e eu, por qualquer coisa. Ela gostava de dormir com a porta fechada, e as discussões instantâneas sobre se a porta do quarto deveria ficar aberta ou não foram sumariamente encerradas por minha mãe ao criar uma tabela que ficava pendurada atrás da porta, mostrando quais noites eram alternadamente minhas ou da minha irmã. A cada noite eu ficava tranquilo ou apavorado, dependendo de a porta estar aberta ou fechada.

Meu antigo quarto no topo da escada passou a ser alugado, e as mais variadas pessoas passaram por ali. Eu via todas elas com desconfiança: estavam dormindo no meu quarto, usando minha pequena pia amarela que tinha o

tamanho certo para mim. Houve uma austríaca gorda que nos contou que conseguia sair da própria cabeça e andar pelo teto; um estudante de arquitetura da Nova Zelândia; um casal de americanos que minha mãe, escandalizada, expulsou de casa ao descobrir que não eram casados de fato, e agora havia o minerador de opala.

Ele era sul-africano, embora tenha enriquecido com mineração de opala na Austrália. Presenteou a mim e à minha irmã com uma opala cada um, uma pedra bruta preta com nuances verdes, azuis e vermelhas. Minha irmã gostava dele por causa disso, e venerava a opala. Eu não conseguia perdoá-lo pela morte do meu gatinho.

Era o primeiro dia das férias de primavera: três semanas sem aula. Acordei cedo, empolgado com a perspectiva de dias a fio a serem preenchidos do jeito que eu quisesse. Eu ia ler. E explorar.

Vesti o short, a camiseta e calcei as sandálias. Desci até a cozinha. Meu pai estava ao fogão, enquanto minha mãe dormia até mais tarde. Estava de roupão por cima do pijama. Meu pai quase sempre preparava o café da manhã de sábado.

— Pai! Cadê minha revistinha? — perguntei.

Ele sempre comprava um exemplar da *SMASH!* para mim antes de voltar de carro do trabalho às sextas-feiras, e eu a lia nas manhãs de sábado.

— No banco de trás do carro. Quer torrada?

— Quero — respondi. — Mas não queimada.

Meu pai não gostava de torradeiras. Ele torrava o pão usando o grill do nosso forno, e geralmente ficava queimado.

Saí e fui até a entrada de veículos. Olhei ao redor. Voltei para casa, empurrei a porta da cozinha, entrei. Eu adorava a porta da cozinha. Era de vaivém, abria para dentro e para fora, de forma que, sessenta anos antes, os empregados pudessem entrar e sair com os braços carregados de pratos cheios ou vazios.

— Pai? Cadê o carro?

— Na entrada de veículos.

— Não, não está.

— *O quê*?

O telefone tocou e meu pai foi até o corredor, onde ficava o aparelho, para atendê-lo. Eu o ouvi conversando com alguém.

A torrada começou a fumegar no grill.

Subi numa cadeira e desliguei o forno.

— Era a polícia — disse meu pai. — Alguém avisou que viu nosso carro abandonado no fim da rua. Falei que ainda não tinha nem comunicado o roubo.

Pois bem. Podemos ir até lá agora, encontrá-los no local. *Torrada!*

Ele tirou o tabuleiro do forno. A torrada fumegava e estava preta de um dos lados.

— Minha revistinha está lá? Ou foi roubada?

— Não sei. A polícia não falou nada sobre a revista.

Meu pai passou manteiga de amendoim no lado queimado de cada torrada, trocou o roupão por um sobretudo, vestido por cima do pijama, e calçou um par de sapatos. Fomos andando juntos pela rua. Ele mastigava sua torrada durante a caminhada. Segurei a minha, mas não comi.

Havíamos caminhado mais ou menos uns cinco minutos pela pista estreita que cortava os campos de pastagem quando uma viatura de polícia surgiu atrás de nós. O carro desacelerou e o motorista cumprimentou meu pai pelo nome.

Escondi minha torrada queimada atrás das costas enquanto meu pai conversava com o policial. Como eu queria que minha família comprasse pão de forma branco e normal, fatiado, do tipo que cabe nas torradeiras, assim como todas as famílias que eu conhecia faziam. Meu pai tinha descoberto uma padaria perto de casa que fazia pães integrais inteiros, grossos e pesados, e insistia em comprá-los. Dizia que o gosto era melhor, o que, na minha opinião, não fazia o menor sentido. Pão de forma que se preze é branco, vem fatiado, e tem gosto de quase nada: e era assim que tinha que ser.

O motorista do carro de polícia saltou, abriu a porta do carona e disse para eu entrar. Meu pai foi no banco da frente, ao lado dele.

A viatura seguiu devagar pela pista. Naquela época não havia asfalto em nenhum ponto da estrada, que só era larga o bastante para que um carro passasse por vez, um caminho cheio de poças d'água, subidas e descidas íngremes, esburacado, com pedras pontudas e repleto de valas abertas por tratores, pela chuva e pelo tempo.

— Essa garotada — disse o policial. — Acham isso engraçado. Roubam um carro, dão umas voltas e depois o abandonam. Devem ser da região.

— Só estou feliz por ter sido encontrado tão depressa — comentou meu pai.

Veio a Fazenda Caraway, onde uma menininha de cabelos quase brancos de tão louros e bochechas bem vermelhas ficou nos observando passar. Segurei minha torrada queimada no colo.

— O estranho é terem largado o carro aqui — disse o policial. — Porque esse lugar fica bem longe de tudo.

Fizemos uma curva e vimos o Mini branco fora da pista, em frente à porteira de um campo de pastagem, os pneus atolados na lama marrom. Passamos por ele com a viatura e estacionamos na grama à beira da estrada. O policial abriu a porta para mim e nós três caminhamos até o Mini, enquanto ele

contava a meu pai sobre a criminalidade na região e por que era óbvio que aquilo tinha sido feito pela garotada dali mesmo, e então meu pai abriu a porta do carona com a chave reserva.

— Alguém deixou alguma coisa no banco de trás — disse ele.

Meu pai esticou o braço para dentro do carro e puxou a manta azul que cobria a tal coisa no banco de trás, mesmo o policial lhe dizendo que não devia fazer aquilo, e eu olhava fixamente para o banco porque era ali que estava a minha revista em quadrinhos, então vi tudo.

Era mesmo uma *coisa*, aquilo para o qual eu olhava, não uma *pessoa*.

Embora eu tivesse uma imaginação bastante fértil na infância, e fosse propenso a pesadelos, convenci meus pais a me levarem ao museu de cera Madame Tussauds, em Londres, quando tinha seis anos, porque queria visitar a Câmara dos Horrores, esperando encontrar as Câmaras dos Horrores dos filmes de monstro sobre as quais eu lia nos quadrinhos. Minha expectativa era poder vibrar com os bonecos de cera do Drácula, do Frankenstein e do Lobisomem. Em vez disso, fui guiado por uma sequência aparentemente interminável de dioramas mostrando homens e mulheres comuns, de olhar desalentado, que haviam assassinado outras pessoas — geralmente inquilinos e os próprios familiares — e, por sua vez, também haviam sido mortos: por enforcamento, na cadeira elétrica, em câmaras de gás. A maioria era retratada ao lado das vítimas em situações estranhas de convívio social — como por exemplo sentados a uma mesa de jantar, possivelmente enquanto os familiares envenenados davam seu último suspiro. As plaquinhas que explicavam quem eles eram também me informaram que a maioria havia assassinado a família e vendido os corpos para a *anatomia*. Foi aí que, para mim, a palavra *anatomia* ganhou um quê de pavor. Eu não sabia o que era *anatomia*. Só sabia que a *anatomia* fazia as pessoas matarem os filhos.

A única coisa que me impediu de sair correndo e gritando da Câmara dos Horrores durante a visita foi que nenhum dos bonecos de cera parecia muito convincente. Não dava para parecerem mortos de verdade, já que nunca tinham parecido vivos.

A coisa no banco de trás, que estivera coberta pela manta azul (eu *conhecia* aquela manta… era a que ficava no meu antigo quarto, na prateleira, para quando esfriava), também não era convincente. Parecia um pouco com o minerador de opala, mas estava de *smoking* preto, camisa branca de babados e gravata-borboleta preta. O cabelo, penteado para trás, tinha um brilho artificial. Os olhos estavam vidrados, e os lábios, arroxeados, mas a pele estava bem corada. Como uma paródia de saúde. Não havia nenhuma corrente de ouro no pescoço.

Dava para ver, debaixo da coisa, dobrado e amassado, o meu exemplar da *SMASH!* com o Batman, tal como aparecia na televisão, na capa.

Não lembro quem disse o que naquele momento, só que me mandaram ficar longe do Mini. Atravessei a pista e esperei lá, sozinho, enquanto o policial falava com meu pai e escrevia num bloquinho de anotações.

Olhei para o Mini. Uma mangueira de jardim verde ia do cano de descarga até a janela do motorista. Havia uma camada grossa de lama marrom espalhada pela descarga, prendendo a mangueira no lugar.

Ninguém estava olhando para mim. Dei uma mordida na torrada. Queimada e fria.

Em casa, meu pai comia todas as torradas mais queimadas. "Humm!", dizia, "Carvão! Bom para a saúde!", "Torrada queimada! Minha preferida!", e devorava tudo. Quando eu já era bem mais velho, ele me confessou que jamais gostou de torrada queimada, só comia para não desperdiçar, e, por uma fração de segundo, minha infância inteira pareceu uma grande mentira: foi como se um dos pilares de fé sobre os quais meu mundo fora erigido tivesse se desfeito em pó.

O policial falou pelo rádio no painel da viatura.

Então atravessou a pista e se aproximou de mim.

— Sinto muito por isso, filho — disse ele. — Daqui a pouco, virão mais alguns carros por essa estrada. Precisamos achar um lugar para você, onde possa esperar sem atrapalhar. Quer se sentar no banco de trás da minha viatura de novo?

Fiz que não com a cabeça. Não queria mais me sentar lá.

Alguém, uma menina, falou:

— Ele pode vir comigo para a casa da fazenda. Sem problema nenhum.

Era muito mais velha que eu, com pelo menos uns onze anos. O cabelo castanho-avermelhado era relativamente curto para uma garota, e o nariz, arrebitado. Tinha sardas. Estava de saia vermelha — as meninas não costumavam usar calças jeans naquela época, não lá por aquelas bandas. Tinha um leve sotaque de Sussex e olhos azul-acinzentados e penetrantes.

O policial foi com a menina até meu pai, e ela foi autorizada a me levar, então fui caminhando pela estrada estreita com a garota.

— Tem um homem morto no nosso carro — comentei.

— Foi por isso que ele veio até aqui — disse-me ela. — O fim do caminho. Ninguém ia encontrá-lo e impedi-lo por aqui, às três da madrugada. E a lama ali é bem úmida e fácil de moldar.

— Você acha que ele se matou?

— Acho. Você gosta de leite? A vovó está ordenhando a Bessie agora.

— Quer dizer, leite de verdade, de uma vaca? — perguntei, e então me senti meio tolo, mas ela fez que sim com a cabeça, de um jeito tranquilizador.

Pensei a respeito. Nunca havia bebido leite que não viesse de uma garrafa.

— Acho que quero.

Paramos em um pequeno celeiro onde uma senhora, muito mais velha que meus pais, o cabelo comprido e grisalho como teias de aranha e o rosto magro, estava de pé ao lado de uma vaca. Longos tubos pretos estavam acoplados às tetas do animal.

— A gente ordenhava as vacas manualmente — disse a garota. — Mas assim é mais fácil.

Ela me mostrou como o leite saía da vaca, seguia pelos tubos pretos e entrava na máquina, passando por um mecanismo de refrigeração, e caía em latões enormes. Os latões eram deixados em uma plataforma de madeira maciça do lado de fora do celeiro, onde eram coletados todo dia por um caminhão.

A senhora me serviu um copo do leite cremoso da Bessie, a vaca, ainda fresco, antes de passar pelo mecanismo de refrigeração. Nada do que eu bebera na vida tinha um gosto como aquele: era encorpado, quente, enchendo minha boca de felicidade. Eu já tinha me esquecido de todo o resto, mas ainda conseguia me lembrar daquele leite.

— Tem mais deles lá no início da estrada — disse a velha, de repente. — De todos os tipos, chegando com as sirenes piscando e tudo mais. Quanto rebuliço. Você deveria levar o garoto para a cozinha. Ele está com fome, e um copo de leite não vai encher a barriga de um menino em fase de crescimento.

A menina perguntou:

— Você já comeu?

— Só uma torrada. Estava queimada.

— Meu nome é Lettie. Lettie Hempstock — disse ela. — Esta é a Fazenda Hempstock. Venha.

Ela me levou para dentro de casa pela porta da frente e me guiou até a cozinha gigantesca, onde me colocou sentado a uma enorme mesa de madeira, cheia de marcas e nós que pareciam rostos me encarando.

— Tomamos o café da manhã cedo por aqui — disse ela. — A ordenha começa assim que o dia nasce. Mas tem mingau na panela, e geleia para colocarmos nele.

Ela me deu uma tigela de porcelana cheia de mingau de aveia quente servido diretamente da panela que estava no fogão, com uma colherada de geleia de amora caseira, minha preferida, bem no meio, e então derramou creme de leite por cima. Misturei tudo com a colher antes de comer, criando um redemoinho roxo, e aquilo me deixou mais feliz que qualquer outra coisa na

vida. O gosto era divino.

Uma mulher atarracada entrou na cozinha. O cabelo castanho-avermelhado era curto e salpicado de fios brancos. Tinha as maçãs do rosto salientes, vestia uma saia verde-escura até os joelhos e galochas.

— Esse deve ser o menino lá do início da estrada. Quanta confusão por causa daquele carro. Daqui a pouco cinco deles vão precisar de chá — disse ela.

Lettie encheu uma enorme chaleira de cobre com água da torneira. Acendeu uma das bocas do fogão a gás com um fósforo e pousou a chaleira na chama. Em seguida, pegou cinco canecas lascadas de um armário, e hesitou, olhando para a mulher, que disse:

— Tem razão. Seis. O médico virá também.

Então a mulher franziu os lábios e soltou um muxoxo.

— Não viram o bilhete — disse ela. — Ele o escreveu com tanto cuidado, dobrou-o e guardou-o no bolso do paletó, e ninguém olhou lá ainda.

— O que o bilhete diz? — perguntou Lettie.

— Leia você mesma — retrucou a mulher.

Presumi que fosse a mãe da Lettie. Parecia ser mãe de alguém. Então ela continuou:

— O bilhete diz que ele pegou todo o dinheiro que os amigos tinham lhe pedido que tirasse clandestinamente da África do Sul e depositasse num banco na Inglaterra para eles, e também tudo o que ganhou ao longo dos anos com a mineração de opalas, e foi até o cassino em Brighton, mas só pretendia apostar o que era dele. Depois ia mexer na quantia dos amigos só até recuperar o que havia perdido. — E completou: — E então ficou sem nada, e tudo era escuridão.

— Só que não foi isso que ele escreveu — disse Lettie, estreitando os olhos. — O que deixou escrito foi:

> *A todos os meus amigos,*
>
> *Sinto muito que nada tenha saído como planejei e espero que possam me perdoar em seus corações, porque eu mesmo não consigo.*

— Dá no mesmo — disse a mulher. Depois virou-se para mim: — Sou a mãe da Lettie — anunciou. — Você já deve ter conhecido a minha mãe, no galpão de ordenha. Sou a sra. Hempstock, mas ela era a sra. Hempstock antes de mim, então agora é a velha sra. Hempstock. Esta é a Fazenda Hempstock. É a mais antiga das redondezas. Está no *Domesday Book*.

Fiquei me perguntando por que todas tinham o sobrenome Hempstock, aquelas mulheres, mas não perguntei, da mesma forma que nem ousei perguntar como sabiam sobre o bilhete do suicídio ou o que o minerador de opala estava pensando ao morrer. Elas tratavam tudo aquilo com muita naturalidade.

— Dei uma forcinha para ele olhar no bolso do paletó. Vai parecer que a ideia foi dele — disse Lettie.

— Boa menina — elogiou a sra. Hempstock. — Eles chegarão aqui assim que a água da chaleira ferver para perguntar se eu vi algo fora do comum e para tomar o chá. Por que você não leva o menino até o lago?

— Não é um lago — corrigiu Lettie. — É o meu oceano. — E virou-se para mim dizendo: — Venha.

Ela me levou para fora da casa pelo mesmo caminho de antes.

O dia ainda estava cinzento.

Contornamos a casa, caminhando pela trilha das vacas.

— É um oceano de verdade? — perguntei.

— Ah, é sim — respondeu ela.

Deparamos com ele de repente: um galpão de madeira, um velho banco e, entre os dois, um lago de patos, a água escura salpicada de lentilhas-d’água e ninfeias. Havia um peixe morto, prateado como uma moeda, boiando de lado na superfície.

— Isso não é bom — disse Lettie.

— Achei que você tinha dito que era um oceano — falei. — É só um lago, na verdade.

— É um oceano — insistiu ela. — Nós o atravessamos quando eu ainda era bebê, quando viemos da velha pátria.

Lettie entrou no galpão e saiu de lá carregando uma vara de bambu comprida, com o que parecia ser um puçá na ponta. Ela inclinou o corpo para a frente, afundou a rede com cuidado por baixo do peixe morto e o puxou para fora.

— Mas a Fazenda Hempstock está no *Domesday Book* — falei. — Foi o que sua mãe disse. E esse livro foi escrito na época de Guilherme, o Conquistador.

— Sim — concordou Lettie Hempstock.

Ela tirou o peixe do puçá e o examinou. Ainda estava mole, não enrijecera, e caiu atravessado na mão dela. Eu nunca tinha visto tantas cores: ele era prateado, sim, mas por baixo do prateado havia azul, verde e roxo, e a ponta das escamas era preta.

— Que peixe é esse? — perguntei.

— Isso é muito estranho — disse Lettie. — Quer dizer, os peixes desse

oceano não costumam morrer. — Ela sacou um canivete com cabo de chifre, de onde, eu não saberia dizer, e enfiou-o na barriga do peixe, cortando-o da cabeça até a cauda. — Foi isso que o matou.

Ela tirou um objeto de dentro do peixe. Então depositou-o, ainda gosmento das vísceras, na palma da minha mão. Eu me abaixei, mergulhei-o na água e o esfreguei com os dedos, para limpá-lo. Olhei. Dei de cara com o rosto da rainha Vitória.

— Seis centavos? — indaguei. — O peixe comeu uma moeda de seis centavos?

— Isso não é bom, não é? — perguntou Lettie Hempstock. O sol começava a aparecer: a luz evidenciou as sardas aglomeradas nas bochechas e no nariz dela, e, nos pontos em que incidia em seu cabelo, os fios ganharam um tom vermelho-acobreado. — Seu pai quer saber onde você está. Hora de voltar.

Tentei devolver a pequena moeda de prata de seis centavos a Lettie, mas ela fez que não com a cabeça.

— Pode ficar — falou. — Você pode comprar um chocolate ou balas de limão.

— Acho que não — retruquei. — É muito pouco. Não sei se as lojas ainda aceitam essas moedas.

— Então coloque no seu cofrinho — sugeriu ela. — Talvez dê sorte.

Lettie disse isso com ar de dúvida, como se não soubesse que tipo de sorte a moeda me daria.

Os policiais, meu pai e dois homens de terno e gravata marrom estavam na cozinha da casa da fazenda. Um deles me contou que era policial, mas não usava uniforme, o que achei um tanto sem graça: se eu fosse policial, tinha certeza, usaria meu uniforme sempre que pudesse. Reconheci o outro homem de terno e gravata como o dr. Smithson, nosso médico de família. Eles estavam terminando o chá.

Meu pai agradeceu à sra. Hempstock e à Lettie por cuidarem de mim, e elas disseram que eu não dera trabalho algum, e que poderia voltar outro dia. O policial que nos levara até o Mini nos deu uma carona de volta, e nos deixou na frente de casa.

— Talvez seja melhor você não contar nada disso à sua irmã — ponderou meu pai.

Não queria mesmo contar nada daquilo para ninguém. Eu havia encontrado um lugar especial, feito uma amiga, perdido minha revista em quadrinhos e ainda segurava apertada uma antiga moeda de prata.

— Qual é a diferença entre o oceano e o mar? — perguntei.

— O tamanho — respondeu meu pai. — Os oceanos são muito maiores que

os mares. Por quê?

— Só estava pensando — respondi. — É possível um oceano ser tão pequeno quanto um lago?

— Não — respondeu meu pai. — Lagos são do tamanho de lagos, lagoas, do tamanho de lagoas. Mares são mares e oceanos, oceanos. Atlântico, Pacífico, Índico, Ártico. Acho que esses são todos os oceanos que existem.

Meu pai subiu para o quarto, para conversar com minha mãe e falar ao telefone. Coloquei a moeda de prata no meu cofrinho. Era o tipo de cofrinho de porcelana do qual nada podia ser retirado. Um dia, quando não coubesse mais nenhuma moeda, eu teria permissão para quebrá-lo, mas ainda faltava muito para enchê-lo.

Continua...

Saiba mais sobre



O oceano no fim do caminho

Sobre o autor

© Kimberly Butler



Neil Gaiman nasceu em Hampshire, Inglaterra, e agora vive nos Estados Unidos, perto de Minneapolis. Descobriu seu amor pelos livros na infância e devorava as histórias de C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien, James Branch Cabell, Edgar Alan Poe, dentre outros autores. Começou a carreira como jornalista, mas logo o talento para construir tramas e universos únicos foi levado para o mundo dos quadrinhos e depois para a ficção adulta e infantojuvenil. É o criador da icônica série *Sandman*, de *Stardust*, *Deuses americanos* e *Coraline*. Suas obras receberam inúmeros prêmios e foram adaptadas em bem-sucedidas versões para o cinema, tevê e até ópera. Gaiman é citado no *Dicionário de Biografia Literária* como um dos dez maiores escritores pós-modernos vivos.